Pesquisa e Ações em Saúde Pública

Edição 17

Capítulo 4

ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR: A CHAVE PARA O TRATAMENTO NO TEA

Perla Silva Rodrigues[1]
Fernanda Keila Valente Batista[2]
Nara Grazieli Martins Lima[1]
Paula Gomes Da Silva[1]
Maria Valéria Chaves De Lima[3]
Fernanda Beserra De Lima[4]
Ana Luiza Araújo Dias[5]
Camila Rocha De Oliveira[6]
Gislaine Loiola Saraiva Freitas[7]
Niélia De Sousa Almeida[8]
Rayane Sales De Oliveira[9]
Juvêncio César Lima De Assis[1]
Ronikelson Rodrigues[10]
Rayane Moreira De Alencar[11]
Glêbia Alexa Cardoso[12]

1.Mestrado em Saúde e Sociedade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
2.Mestrado em Nutrição pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
3.Discente – Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará.
4.Discente – Bacharelado em Nutrição pelo IFCE.
5.Discente – Bacharelado em Nutrição pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
6.Mestrado em Nutrição Clínica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
7.Discente –Mestrado em Enfermagem pela UNILAB.
8.Especialização em Saúde Mental pelo Instituto de Formação Superior do Ceará.
9.Especialização em Programa de Residência de Fisioterapia em Terapia Intensiva Adulto pela UFRN.
10.Mestrado em Fisioterapia e Terapia ocupacional pela Universidade Federal do Ceará.
11.Mestrado em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri.
12.Doutorado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Palavras-chave: *Transtorno do espectro autista; Equipe multiprofissional; Profissionais de saúde.*

DOI 10.59290/978-65-6029-148-5.4

EDITORA PASTEUR

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é identificado por alterações nas funções de neurodesenvolvimento, manifestando-se em mudanças na comunicação, seja ela verbal ou não verbal, na interação social e no comportamento. No TEA, diferentes graus de gravidade são identificados, variando desde formas leves, com alta independência e pequenas dificuldades de adaptação, até níveis de dependência total para as atividades diárias ao longo da vida. Desse modo, crianças com autismo têm dificuldades específicas em entender e representar estados mentais, como as emoções e intenções de outras pessoas. Os sinais do transtorno normalmente são observados entre os 12 e 24 meses de idade (IZIDORO *et al.*, 2024).

A causa do autismo ainda precisa ser mais investigada, mas é sabido que possui uma natureza multifatorial, envolvendo aspectos genéticos, sociais e neurológicos. Há fatores de risco que aumentam sua ocorrência, como infecções e o uso de certas substâncias durante a gravidez, diabetes gestacional, e histórico familiar de síndromes como a Síndrome de Down, Rett, X Frágil, entre outras. Estima-se que pelo menos 50% dos casos sejam hereditários, indicando que os fatores genéticos são significativos na origem da doença. No entanto, a maioria dos casos de TEA ainda são de causa desconhecida (ARAÚJO *et al.*, 2022).

De acordo com a pesquisa do Canal Autismo, realizada bienalmente nos Estados Unidos, 1 em cada 36 crianças de 8 anos possui TEA, representando um aumento de 22% em relação ao ano anterior. No Brasil, não há dados específicos sobre a prevalência de TEA, mas ao aplicar a mesma proporção desse estudo aos dados da população brasileira com base no Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), estima-se que haja cerca de 5,95 milhões de pessoas autistas. Essa repercussão significativa tem mobilizado o meio acadêmico a fim de delimitar a situação, reunindo dados para pesquisas, conscientizando a sociedade, aprimorando a capacidade médica de diagnóstico e buscando metodologias de ensino formal eficazes (ALVES *et al.*, 2024).

O efeito estigmatizante gera desvantagens sociais tanto para as pessoas com autismo quanto para sua rede de apoio. Por isso, é essencial considerar aspectos éticos e políticos em sua abordagem. No Brasil, o desenvolvimento de políticas públicas para essa população foi tardio, resultado da mobilização de cuidadores, familiares e indivíduos que enfrentaram o descaso governamental. Além disso, o desconhecimento sobre o papel da equipe multiprofissional no diagnóstico e tratamento, bem como sobre os direitos legais, pode prejudicar a qualidade de vida das pessoas autistas. A falta de acesso à informação pode até mesmo impedir a realização do diagnóstico, que é fundamental para acessar benefícios sociais e tratamentos (VASCONCELOS *et al.*, 2022).

O diagnóstico do autismo é realizado por uma equipe multiprofissional que inclui um médico neurologista, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta. Esse processo é essencial para a avaliação e acompanhamento da pessoa autista. Destarte, o processo diagnóstico deve ser realizado por uma equipe que possa interagir com o indivíduo ou a criança em diferentes contextos: atendimentos individuais, atendimentos familiares, atividades recreativas e ambientes de grupo (COSTA *et al.*, 2021).

Costa *et al.* (2021) apontam que durante a avaliação, são realizados: avaliação neuropsicológica, anamnese, avaliação fonoaudiológica, avaliação da cognição social, exame físico

e exame neurológico. Ao final de cada avaliação, a equipe multidisciplinar se reúne para discutir os aspectos relevantes e formular um diagnóstico com base nos critérios do DSM-5. Posteriormente, é elaborado um relatório que inclui todas essas informações, além de recomendações e orientações, que são apresentadas em uma reunião com a família do indivíduo avaliado. Todos os pais ou responsáveis recebem esse relatório, que detalha os resultados das avaliações, o diagnóstico final e as orientações para a família, sendo tudo isso explicado no encontro final (devolutiva).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), o tratamento mais recomendado para o TEA é a intervenção precoce, que deve começar imediatamente após a suspeita ou diagnóstico. Desde o início, deve envolver a equipe multidisciplinar, além das intervenções farmacológicas, incluindo psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas e outros profissionais que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento dessas crianças.

Nesse contexto, o presente estudo nos convida a adentrar no seguinte questionamento, como forma de orientar nossa reflexão: Como a abordagem multidisciplinar contribui para a eficácia do tratamento e melhora da qualidade de vida em crianças com Transtorno do Espectro Autista? Neste sentido, este estudo teve como objetivo refletir sobre o TEA, suas particularidades e a importância da equipe multiprofissional para a eficiência do tratamento.

MÉTODO

Trata-se de um estudo do tipo ensaio reflexivo. Realizado no mês de junho de 2024. O presente estudo parte, então, da abordagem do Transtorno do Espectro Autista e suas particularidades, enfatizando a relevância da equipe multidisciplinar para a eficácia do tratamento.

Por se tratar de um artigo reflexivo, e não de uma revisão de literatura, não foram estabelecidos critérios específicos de exclusão e inclusão para a seleção do material bibliográfico. As autoras citaram as referências teóricas usadas, levando em conta a abordagem temática. As reflexões apresentadas neste estudo refletem as considerações das autoras em relação ao tema. A análise dos dados foi estruturada em eixos reflexivos: o papel do fisioterapeuta no TEA, a influência do psicólogo no tratamento do TEA, o enfermeiro no contexto do autismo, a abordagem do fonoaudiólogo no autismo, a atuação do nutricionista no TEA e o papel do farmacêutico no cuidado do TEA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem multidisciplinar no diagnóstico precoce do autismo é um marco significativo na compreensão e intervenção eficaz nesse transtorno do neurodesenvolvimento. Entender as nuances e complexidades do autismo exige uma visão holística que vai além dos limites de uma única disciplina. Nesse contexto, a parceria entre profissionais de diferentes áreas, como psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais entre outros, é fundamental. Essa abordagem multidisciplinar não só permite uma avaliação mais completa das características e necessidades individuais de cada criança, mas também facilita o desenvolvimento de intervenções personalizadas e eficazes. No entanto, essa abordagem enfrenta desafios, como a variação dos sintomas entre os indivíduos e a sobreposição com outros transtornos do desenvolvimento, ressaltando a necessidade de estratégias flexíveis e uma compreensão aprofundada das complexidades envolvidas no diagnóstico do autismo (TEIXEIRA, 2024). Assim, detalharemos a atuação de cada um desses profissionais.

O papel do fisioterapeuta no Transtorno do Espectro Autista

Dada a variedade de desafios que podem impactar uma criança com TEA, é amplamente recomendado adotar a atuação multiprofissional. Essa conduta engloba diversos aspectos e segue o modelo biopsicossocial, considerando todo o contexto em que a criança está inserida. A psicomotricidade, a musicoterapia e a realidade virtual são recursos clínicos importantes e acessíveis para indivíduos com autismo. Essas especialidades auxiliam no desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor, social e linguístico das crianças com autismo por meio da estimulação precoce. O uso de recursos terapêuticos pode motivar a criança a colaborar, tornando o tratamento mais eficaz. Nesse enredo, a fisioterapia se destaca como uma ferramenta essencial na intervenção precoce e no manejo contínuo das dificuldades motoras e sensório-motoras frequentemente associadas ao TEA. Compreender o papel do fisioterapeuta no atendimento a crianças com atípicas não só amplia o leque de intervenções disponíveis, mas também contribui para uma visão mais completa das necessidades desses indivíduos (ROCHA & RAIMUNDO, 2024).

Uma das abordagens frequentemente utilizadas pelos fisioterapeutas é a terapia de integração sensorial. Essa técnica ajuda a criança a processar e responder de forma adequada aos estímulos sensoriais, como toque, visão, audição e movimento. Além disso, o fisioterapeuta foca no desenvolvimento de habilidades motoras específicas. Eles ajudam a criança a melhorar o equilíbrio e a postura, fortalecem os músculos necessários para atividades motoras como sentar, engatinhar, andar e correr, e aperfeiçoam habilidades motoras finas, essenciais para tarefas como escrever, desenhar e manipular objetos. O fisioterapeuta também orienta os pais e cuidadores sobre técnicas e exercícios que podem ser realizados em casa para apoiar o desenvolvimento motor da criança (SOARES & GUIMARÃES, 2024).

Desse modo, os fisioterapeutas desempenham um papel fundamental no acompanhamento de pessoas autistas, impactando positivamente tanto suas individualidades quanto a coletividade que necessita desses serviços. O trabalho com crianças autistas vai além da correção de deficiências já existentes, incluindo também a prevenção de agravamentos no quadro clínico. Além disso, os fisioterapeutas promovem a independência em diversas atividades cotidianas, resultando em uma melhor qualidade de vida para essas crianças (DIAS & LIMA, 2024).

A influência do psicólogo no tratamento do autismo

O psicólogo trabalha em conjunto com a família, que é responsável por aplicar técnicas no dia a dia e ajudar a estabelecer a rotina. Também colabora com uma equipe multidisciplinar ou interdisciplinar no cuidado das crianças. Existem várias abordagens para o tratamento de crianças com autismo, sendo uma delas a terapia comportamental. Essa técnica focada no comportamento inclui métodos como diferenciação, modelagem (aprendizado por repetição), controle e modificação de estímulos, além da técnica de reforço positivo, onde o indivíduo recebe uma recompensa sempre que apresenta um comportamento desejado (SILVA *et al.*, 2024).

Silva *et al.* (2024) pontuam que a psicanálise ajuda na detecção precoce, prevenção e tratamento de crianças que estão em risco de desenvolver problemas psicopatológicos. O trabalho clínico acompanha o processo inicial de identificação de traços observados pelo paciente e registra aqueles que não se repetem. Esse trabalho é necessariamente realizado em conjunto com o paciente e os pais. Dessa forma, o tratamento psicanalítico não busca a adaptação,

mas sim construir um caminho de inclusão, primeiramente na família e depois na sociedade. Esse tipo de tratamento é possível porque a psicanálise acredita na plasticidade cerebral, ou seja, na capacidade do cérebro de se modificar.

Com isso, a psicoeducação realizada orienta os pais ou responsáveis sobre o TEA, melhorando a compreensão sobre as dificuldades da criança e como atender suas necessidades, além dos cuidados e intervenções necessários para estimular o desenvolvimento. Todo o processo de reabilitação contribui para o desenvolvimento da criança, auxiliando nas áreas mais afetadas, como a comunicação, os relacionamentos interpessoais, o contexto escolar e social, além de apoiar o desenvolvimento das habilidades adquiridas (SOUSA *et al.,* 2021).

O enfermeiro no contexto do TEA

O papel principal do enfermeiro no contexto do autismo é cuidar, englobando não só a criança no Espectro Autista, mas também promovendo mudanças em todo o ambiente familiar. O objetivo é reduzir o medo do preconceito na sociedade e os sentimentos de inferioridade e ansiedade relacionados ao transtorno, através do contato contínuo e prolongado. Assim, a função da equipe de enfermagem envolve a escuta qualificada, permitindo que os pais ou o indivíduo compartilhem suas experiências enquanto o enfermeiro oferece orientações e soluções. A partir desse acolhimento, da realização da consulta de enfermagem e da coleta de dados, o enfermeiro será capaz de identificar possíveis diagnósticos (MORAES & FERREIRA, 2023).

Falcão *et al.* (2022) afirmam que a percepção do enfermeiro em relação a crianças com autismo surge através da observação durante uma consulta de enfermagem, onde se avalia não apenas peso, altura e alimentação, mas também o contexto de vida dessas crianças. Incluindo dificuldades de interação com outras pessoas, inclusive com a mãe, movimentos corporais repetitivos, comportamentos estranhos e agressivos, momentos de isolamento, falta de compartilhamento de brinquedos, brincadeiras diferentes, problemas de sono e dificuldades na amamentação antes dos seis meses. As estratégias começam com o acompanhamento do desenvolvimento da criança para identificar possíveis alterações.

A Ficha do Desenvolvimento, adotada desde 1984 pelo Ministério da Saúde, serve como roteiro para o acompanhamento do desenvolvimento durante a consulta geral da criança, incluindo aspectos psíquicos. Esta ficha visa contemplar quatro indicadores: maturativo, psicomotor, social e psíquico, e está disponível no cartão da criança, um instrumento de vigilância do desenvolvimento de 1 mês até os 3 anos de vida (BRASIL, 2012).

A anamnese deve ser detalhada com a mãe ou responsável pela criança, com uma escuta qualificada sobre o cotidiano da criança e seus comportamentos em diferentes situações. As intervenções devem incluir dispositivos de assistência às pessoas com autismo, buscando serviços especializados de psicologia e centros de apoio como o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), para que façam parte de um arranjo terapêutico desde o início do tratamento, visando uma melhor qualidade de vida para os autistas e suas famílias (FALCÃO *et al.*, 2022).

Destarte, o papel dos enfermeiros em relação às famílias e às pessoas com TEA é crucial. Dessa maneira, eles devem oferecer encorajamento, transmitir segurança e tranquilidade a todos. Além disso, é importante incentivar os pais a se envolverem no tratamento de seus filhos e a se unirem a grupos de outros pais que estão passando por situações semelhantes, para

compartilharem experiências e conflitos vivenciados. A criação de um vínculo entre o profissional, a criança e as famílias é fundamental. Dessa forma, tanto o paciente quanto os pais se sentirão seguros e poderão colaborar no tratamento (NEVES *et al.,* 2020).

Abordagem do fonoaudiólogo no autismo

Como já mencionado, existem várias características associadas ao TEA, destacando-se principalmente a dificuldade na interação social e na linguagem. Embora essas alterações não sejam exclusivas para o diagnóstico, elas são muito relevantes na caracterização do autismo, já que a maioria das crianças no espectro apresentam atrasos e desvios no desenvolvimento da linguagem. Considerando isso, estudos indicam que o acompanhamento dessas crianças por fonoaudiólogos, profissionais que intervêm diretamente nas habilidades de comunicação e socialização, traz grandes benefícios (ANDRADE *et al.*, 2024).

Andrade *et al.* (2024) indicam que entre as intervenções realizadas por esses profissionais, o ABA (Análise do Comportamento Aplicada) e o PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras), ambos tratamentos baseados nos princípios da análise do comportamento aplicada, juntos contribuem para uma melhora significativa na comunicação e na qualidade de vida desses pacientes. Além disso, o PECS, promove a aquisição de operantes verbais, também tem possibilitado o surgimento de outros comportamentos, como contato visual e sorriso social. Assim, o fonoaudiólogo contribui para a evolução, melhoria do perfil comunicativo, desenvolvimento das habilidades sociais e da autonomia dessas crianças.

Atuação do nutricionista no TEA

Os hábitos alimentares de pacientes com TEA manifestam-se através de uma variedade de sinais, como a seletividade alimentar, incluindo a preferência por texturas alimentares específicas, consumo de alimentos de uma única cor, ingestão dos mesmos alimentos diariamente, escolha do ambiente para as refeições e, assim como em outros distúrbios alimentares, podem apresentar sintomas como jejum prolongado. Sob essa perspectiva, destaca-se a importância da identificação precoce dos transtornos alimentares, especialmente no caso do Autismo. Pesquisas mostram que intervenções terapêuticas precoces resultam em melhores prognósticos a longo prazo, sendo o nutricionista um dos profissionais essenciais no tratamento (GOVEIA *et al.*, 2023).

Pereira *et al.* (2021) apontam que a educação alimentar e nutricional como estratégia de intervenção tem ganhado grande relevância para esses grupos, pois pode ajudar a superar barreiras que impactam diretamente a nutrição de pacientes autistas, além de se mostrar um método seguro e eficaz para promover comportamentos alimentares adequados. Dessa forma, é indispensável realizar uma intervenção específica no indivíduo dentro do Transtorno do Espectro Autista. Por meio da identificação de problemas sensório-motores e/ou gastrointestinais, o nutricionista pode sugerir diferentes formas de estímulos, que podem ser incorporadas através de brincadeiras e atividades lúdicas, funcionando como uma ferramenta importante para engajar esses indivíduos nas atividades de intervenção propostas.

O papel do farmacêutico no cuidado do TEA

A assistência farmacêutica desempenha um papel imprescindível na gestão de medicamentos e na melhoria da saúde e bem-estar de crianças com transtorno do espectro autista. Ao avaliar os aspectos epidemiológicos, sintomas característicos e diagnóstico do TEA, percebe-

se a complexidade do transtorno e a importância de uma abordagem terapêutica precisa para amenizar comportamentos indesejáveis significativos. A integração do farmacêutico na equipe de cuidados é essencial, pois esse profissional pode otimizar a terapia medicamentosa, monitorar efeitos adversos e interações, além de fornecer educação e suporte aos cuidadores (FERREIRA *et al.*, 2024).

De acordo com Ferreira *et al.* (2024), a presença do farmacêutico melhora significativamente a adesão ao tratamento e a qualidade de vida das crianças, reforçando a necessidade de conscientização e acesso a serviços farmacêuticos especializados para garantir uma abordagem personalizada e centrada no paciente. Assim, a integração de serviços farmacêuticos especializados é essencial para otimizar a adesão ao tratamento, minimizar erros na administração de medicamentos e proporcionar um suporte contínuo aos cuidadores. Essa abordagem holística não só melhora os desfechos clínicos, mas também alivia a carga emocional e prática do manejo diário do TEA.

CONCLUSÃO

Portanto, a atuação de uma equipe multiprofissional é fundamental no atendimento e na promoção da qualidade de vida de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. A complexidade do TEA, que envolve uma ampla gama de sintomas e graus de severidade, exige uma abordagem integrada e colaborativa, onde profissionais de diferentes áreas unem seus conhecimentos e habilidades para oferecer um suporte abrangente e personalizado.

Os benefícios dessa abordagem são múltiplos. Primeiramente, ela permite uma avaliação mais completa e precisa das necessidades individuais de cada paciente, levando em consideração os aspectos médicos, psicológicos, educacionais e sociais. Em segundo lugar, a intervenção coordenada e contínua facilita o desenvolvimento de estratégias terapêuticas mais eficazes, que podem ser ajustadas conforme necessário ao longo do tempo. Além disso, o envolvimento de uma equipe multiprofissional promove um ambiente de apoio não só para o indivíduo com TEA, mas também para suas famílias, oferecendo orientação e recursos que ajudam a enfrentar os desafios diários.

É importante destacar que a eficácia do trabalho multiprofissional depende da comunicação aberta e constante entre os membros da equipe. O compartilhamento de informações e a coesão nas ações são essenciais para garantir que todos estejam alinhados nos objetivos terapêuticos e na metodologia aplicada.

Logo, investir na formação e na manutenção de equipes multiprofissionais bem integradas deve ser uma prioridade em qualquer política de saúde voltada para o TEA. O compromisso e a colaboração da equipe são relevantes para oferecer um atendimento de qualidade, que respeite as particularidades de cada indivíduo e promova seu desenvolvimento pleno e inclusivo na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. M. *et al.* A importância da educação física escolar para o desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida, v. 16, n. 2, p. 8-8, 2024. DOI: https://doi.org/10.36692/V16N2-75R

ANDRADE, B. N. P. DE; et al importância da abordagem multidisciplinar no tratamento de crianças com espectro autista. Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 3568–3580, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n1-288.

ARAÚJO, H. da S.; JÚNIOR, U. M. de L.; SOUSA, M. N. A. de. Atuação multiprofissional no manejo do transtorno do espectro autista. Revista Contemporânea, v. 2, n. 3, p. 942-966, 2022. DOI: https://doi.org/10.56083/RCV2N3-045

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. -Brasília: Ministério da Saúde, p.272, 2012.

COSTA, N. M.; SANTOS, P. R. dos; BELUCO, A. C. R. A importância da equipe multiprofissional de crianças diagnosticadas com TEA. ALMEIDA, Flávio Aparecido de. Autismo: avanços e desafios. Guarujá: Editora Científica Digital, p. 27-44, 2021.

DIAS, E. M.; LIMA, R. N. A contribuição da fisioterapia no desenvolvimento motor de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 10, n. 6, p. 100–110, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i6.14273.

FALCÃO, S. M. A. de C.; *et al.* The role of nurses in the early detection of childhood Autistic Spectrum Disorder. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 16, p. e238111638013, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i16.38013.

FERREIRA, J. S.; JÚNIOR, R. N. da S.; BATISTA, D. C. de A. Atenção farmacêutica e sua importância nos cuidados em crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 10, n. 6, p. 388–401, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i6.14385.

GOVEIA, S. M.; FERREIRA, J. G. C. F.; DE MACEDO, M. R. C. Atuação do profissional nutricionista no comportamento alimentar de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista (TEA): Uma revisão de literatura. Publicações, 2023. DOI 10.47402/ed.ep.c23218821119.

IZIDORO, B. N. B.; LOPES, L. B. dos S.; SOARES, J. de O. A maternidade e os desafios nos cuidados da criança com espectro autista sob o olhar da enfermagem. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e141143, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1143.

MORAES, A. S.; FERREIRA, T. V. Atuação da enfermagem frente ao autismo infantil. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, [S. l.], v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/875. Acesso em: 8 jun. 2024.

NEVES, K. do. C. et al. Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. Research, Society and Development, v. 9, n. 8, p. e941986742-e941986742, 2020.

PEREIRA, A. B. *et al.* Atuação da equipe multidisciplinar no tratamento do TEA e a importância da intervenção nutricional/The role of the multidisciplinary team in the treatment of TEA and the importance of nutritional intervention. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 9, p. 94448-94462, 2021. DOI: https://doi.org/10.34117/bjdv7n9-555

ROCHA, C. da S.; RAIMUNDO, R. J. de S. O Papel do Fisioterapeuta em Crianças com Espectro do Autismo - TEA. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e141120, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1120. Disponível em: https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1120. Acesso em: 8 jun. 2024.

SILVA, B. F. dos. R. *et al.* A importância do diagnóstico precoce para uma melhor qualidade de vida aos portadores do transtorno do espectro autista. Revista Extensão, v. 8, n. 2, p. 15-25, 29 maio 2024.

SOARES, T. F.; GUIMARÃES, J. E. V. A importância da fisioterapia no desenvolvimento motor em criança com transtorno do espectro autista. Revista Saúde Dos Vales, [S. l.], v. 3, n. 1, 2024. DOI: 10.61164/rsv.v3i1.2239. Disponível em: https://revista.unipacto.com.br/index.php/rsv/article/view/2239. Acesso em: 8 jun. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de orientação: Transtorno do Espectro do Autismo. Porto Alegre: SBP, 2019.

SOUSA, C. P., *et al.* The Role of the Neuropsychologist in the rehabilitation of children with Autistic Spectrum Disorder. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 8, p. e17010817047, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i8.17047.

TEIXEIRA, D. L. de M. O papel da equipe multidisciplinar no diagnóstico de crianças autistas: um estudo de caso da clínica escola mundo autista em Araguaína, Tocantins. Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 50, 2024.

VASCONCELOS, D. K.; *et al.* O olhar multiprofissional para o Transtorno do Espectro Autista: relato de experiência. Brazilian Medical Students, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 9, 2022. DOI: 10.53843/bms.v6i9.266. Disponível em: https://bms.ifmsabrazil.org/index.php/bms/article/view/266. Acesso em: 7 jun. 2024.